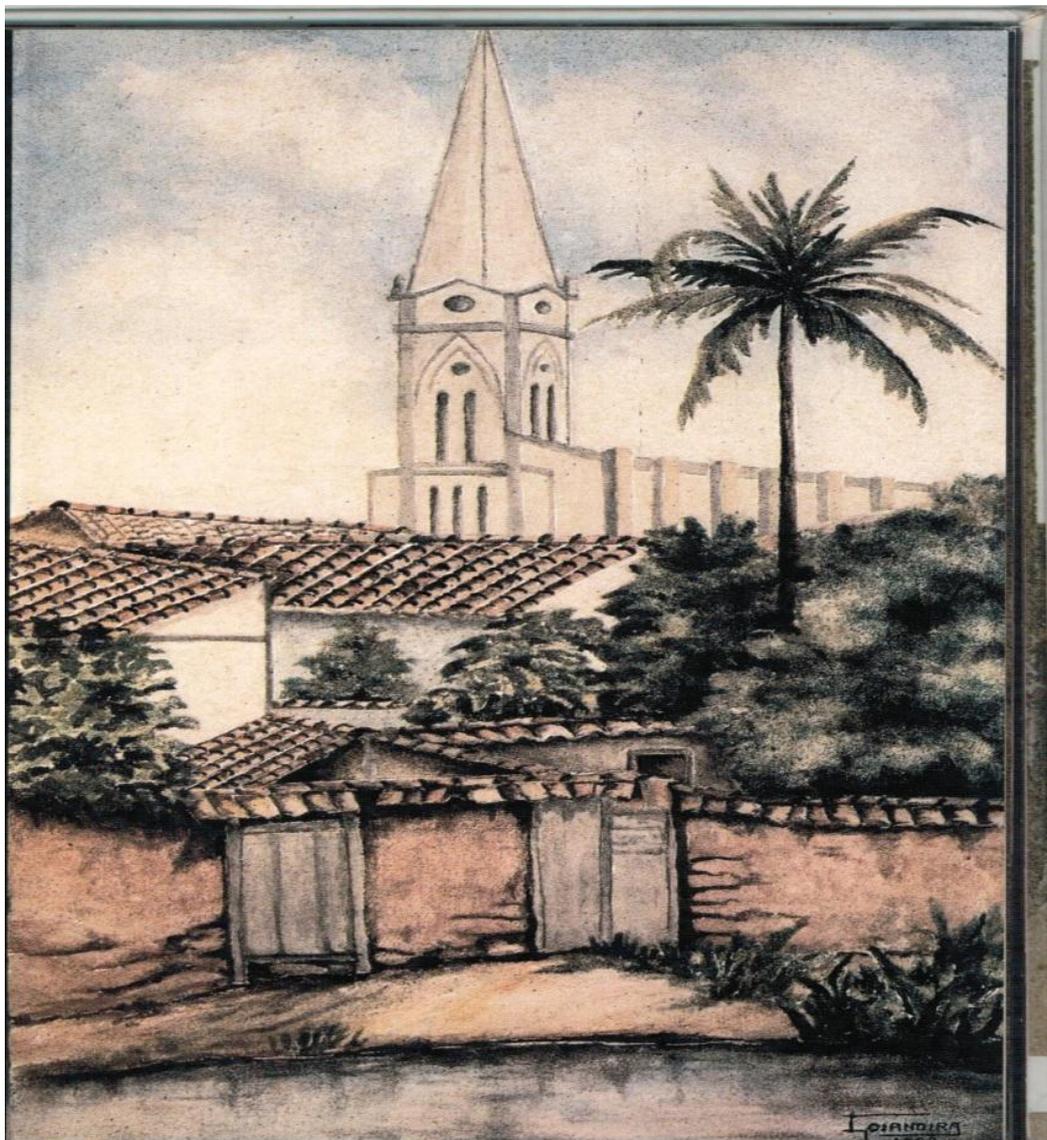


Entrevista



Portões com Torre da Igreja, (1989), Goiandira do Couto, areia sobre fibra de madeira, (33 x 57) 1989. Fonte: Wolney Unes, 2008.

Organizando uma Cidade Sombria

Entrevista com Adérito Schneider

por Ademir Luiz



Adérito Schneider é jornalista, roteirista, cineasta e professor universitário. Está finalizando uma tese de doutorado sobre o filme noir à brasileira “A Dama do Cine Shangai” (1988), dirigido por Guilherme de Almeida Prado. Seu interesse pelo gênero levou-o a organizar a coletânea de contos “Cidade Sombria”, reunindo vinte e oito trabalhos de escritores consagrados e jovens talentos. Todos os contos se passam na ensolarada cidade de Goiânia. Essa, aparentemente, inusitada proposta estética é o foco desta entrevista, onde Adérito Schneider dissecou os intrincados rumos tomados pelo noir na literatura, no cinema, nos quadrinhos e, principalmente, pelas ruas de Goiânia.

Ademir Luiz: Você organizou o recém-lançado livro “Cidade Sombria”, uma coletânea de contos noir. Como definir o “noir”? O que uma obra precisa ter para ser classificada como noir?

Adérito Schneider: O mais interessante do *noir* é que seu próprio conceito é bastante confuso. O *noir* tal como o conhecemos surgiu na França para designar alguns filmes estadunidenses dos 1940, como o clássico “Relíquia Macabra” (John Huston, 1941), com Humphrey Bogart no papel do detetive Sam Spade, personagem de Dashiell Hammett, em adaptação do romance “O Falcão Maltês” (1930). O problema é que este “rótulo” surgiu apenas após a Segunda Guerra Mundial, por volta dos anos 1950, para falar de filmes que, nos próprios Estados Unidos, não eram classificados como *noir* ou coisa do tipo. Foram os críticos franceses que deram unidade a alguns desses filmes, e nem todos eram adaptações de romances policiais e nem todos tinham um detetive como protagonista. Eles enxergaram características em comum nesses filmes, tanto do ponto de vista estético, estilístico, iconográfico, quanto no que se refere à temática. A partir disso, houve um movimento duplo. Primeiro, retrospectivo: o *noir* virou rótulo para um “subgênero” da literatura policial, especialmente produzida nos Estados Unidos a partir dos anos 1920 e 1930, num fenômeno muito ligado às *pulp magazines*; e também para este cinema revisitado a partir da leitura crítica francesa, num movimento *a posteriori*. Em seguida, na segunda metade do século 20, veio o segundo movimento: houve uma espécie de *boom* do *noir* (ou neo-*noir*), com

produção cinematográfica, literária, de histórias em quadrinhos, séries de televisão, programas radiofônicos, entre outros, com o *noir* mais delimitado ou bem definido como (sub)gênero; uma coisa mais pensada, formatada a partir de uma estética e de uma temática melhor determinada; conscientemente *noir*. Hoje, o *noir* é um rótulo volátil que pode estar ligado tanto ao *noir* mais clichê, quanto a uma ideia mais aberta do gênero. Contudo, há características em comum que costumam ser mantidas, como as temáticas urbanas; a violência; o crime; um mal-estar social fruto da modernidade; uma linha tênue e difusa que nos confronta com os limites da ética, da moral, da legalidade; uma crise da masculinidade; e outros elementos.

Ademir Luiz: Quais são os mestres do gênero?

Adérito Schneider: Normalmente, quando pensamos o *noir* a partir da literatura estadunidense da primeira metade do século 20, os grandes nomes são Dashiell Hammett e Raymond Chandler, mas há outros, claro. Dashiell Hammett é considerado o “pai” da literatura *noir* e seu romance “O Falcão Maltês” talvez seja a obra definidora do gênero, mas confesso que a obra de Raymond Chandler me atrai mais. Considero Chandler como o pupilo que superou o mestre. Independente disso, esses dois autores (e outros, claro) foram os responsáveis por tirarem a literatura policial deste ambiente hermético e por vezes aristocrático do romance policial clássico (Arthur Conan Doyle, Agatha Christie etc). A literatura *noir* “matou” a ideia de detetive como “máquina infalível de dedução e raciocínio” e transformou-o em um sujeito “normal”, “comum”. O *noir* acabou com esta ideia de supercriminosos brilhantes e crimes mirabolantes praticamente perfeitos e insolúveis e trouxe o crime para o plano do banal, do cotidiano; rompeu com esta lógica por vezes maniqueísta e jogou os personagens num mundo em que os limites da ética, da moral e da legalidade não são muito claramente definidos; e, principalmente, humanizou os personagens: pessoas cometem erros, falham, agem por impulso, se envolvem emocionalmente e afetivamente uma com as outras, criam seus próprios códigos de ética e de conduta...

Ademir Luiz: O gênero noir costuma ser reconhecido como alta literatura pela crítica de imprensa ou acadêmica?

Adérito Schneider: Acredito que não. A literatura policial (de maneira geral; não apenas o *noir*) é, segundo o historiador Eric Hobsbawm, o grande fenômeno da arte de massa do século 20. Há uma quantidade muito grande de autores, de obras e, sobretudo, de leitores. O próprio Georges Simenon, que é um dos grandes nomes do gênero, escreveu mais de 500 obras, entre contos, novelas, romances etc. E isso para ficar em apenas um exemplo. Então, tenho a sensação de que a literatura policial, como praticamente todo fenômeno de massa, acaba sendo muitas vezes ignorado ou desprezado pela crítica, pela academia. É um tipo de literatura tido mais como “comercial”, como *pop* – o que não necessariamente é ruim, mas que é muitas vezes negativizado. Mas, claro, isso é uma generalização; uma percepção minha. Certamente há uma parcela da crítica da imprensa especializada e/ou da acadêmica que não torce o nariz para o *noir*. E, naturalmente, num universo tão grande de publicações, existem as obras-primas, mas também muita coisa mediana ou mesmo bem ruim. Eu,

particularmente, acho que pluralidade é sempre a melhor saída. Torcer o nariz para a “literatura policial” pode ser um erro tão ruim quanto aquele cometido pelo leitor que só lê literatura policial. Em casa, essa literatura “policial” está na mesma prateleira que Machado de Assis, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, James Joyce, Dostoiévski, Tolstói, Virginia Woolf, Philip Roth... ou seja lá o que é considerada “a grande literatura”. E é bom sempre lembrar: “policial” ou “noir” é apenas um rótulo; frágil, ineficiente e perigoso como qualquer rótulo. Algumas obras ou autores assumem esse rótulo, intencionalmente, e outras obras não são classificadas como tal, mas, de alguma forma, estão também marcadas por esta literatura ou contém elementos em comum com a “literatura policial”, com o *noir*. No fim das contas, é tudo literatura.

Ademir Luiz: E fora da literatura? Quais os mestres do noir no cinema ou nos quadrinhos, por exemplo?

Adérito Schneider: Eu não sei se conseguiria delimitar quem são os grandes mestres do *noir* no cinema ou nos quadrinhos. Talvez, não exista um cineasta que seja marcadamente *noir*, mas grandes diretores fizeram obras que são comumente classificadas como pertencentes a este gênero, desde Howard Hawks e seus contemporâneos (incluindo Orson Welles), passando por Roman Polanski, Martin Scorsese, Woody Allen, Ridley Scott até autores mais contemporâneos, como Joel e Ethan Coen e cineastas *pop* como Robert Rodriguez. Há muitos outros, claro. Esses são apenas alguns exemplos. Quanto aos quadrinhos, confesso que é uma área que não domino muito. Agora, o que me vem à cabeça é Will Eisner (com *Spirit*) e Frank Miller (com *Sin City*), mas sei que existem muitos outros.

Ademir Luiz: A ideia central do livro “Cidade Sombria” é apresentar narrativas que se passam em Goiânia. Como surgiu essa proposta?

Adérito Schneider: A literatura policial é parte importante da minha formação como leitor, desde a época da Série Vaga Lume ou até mesmo antes disso. Eu fui uma criança muito encantada por esta atmosfera detetivesca. Depois de adulto, praticamente não li mais literatura policial. Mas por volta de 2013, durante o meu mestrado, houve uma época que eu andava bem cansado das leituras e escritas acadêmicas (eu estava estudando cinema documentário brasileiro) e, certo dia, estava numa livraria, matando tempo, e dei de cara com um livro do Raymond Chandler. Comecei a ler o livro e, de repente, estava saindo da livraria com a obra dele praticamente completa, compra parcelada no cartão, uma coisa meio impulsiva mesmo, numa época que eu estava lá todo fodido, vivendo de bolsa, mal dando conta de chegar ao fim do mês. Só que foi bom, porque eu me dei conta de que estava mesmo precisando voltar a ler por pura diversão, sem muita pretensão. E Raymond Chandler é bom pra caralho. Daí, meio que ressuscitei em mim este interesse pela literatura policial e, especialmente, pelo *noir*. Fui atrás de outros livros, filmes e tudo mais. Li e reli, vi e revi muita coisa e, quando me dei conta, estava chegando na reta final do mestrado e precisando pensar em um tema para projeto de doutorado. Como eu não queria continuar com cinema documentário brasileiro, que era um tema que eu vinha estudando desde a especialização, decidi estudar o filme “A dama do Cine Shangai” (Guilherme de Almeida Prado, 1988) e o *noir* voltou a fazer parte da minha vida, agora de uma forma mais “séria”,

mais formal. Assim, pesquisando sobre cinema e literatura policial no Brasil, acompanhei quando o Tony Bellotto (guitarrista dos Titãs e autor de romances policiais) lançou uma série organizada por ele chamada “Rio Noir”, uma antologia de contos do gênero. Os contos foram escritos por vários autores e com narrativas ambientadas na cidade do Rio de Janeiro; cada autor com um bairro ou região diferente. Este projeto, por sua vez, é a versão brasileira de um projeto gringo que rendeu vários livros semelhantes, nessa mesma lógica. Não lembro agora de cabeça, mas acho que o primeiro foi em Los Angeles (EUA). Acho também que rolou em Nova Iorque (EUA), e em outras cidades, outros países: Madri (Espanha), Dubai (Emirados Árabes Unidos)... Nem sei exatamente, mas foram feitas edições em várias cidades do mundo. Assim, fiquei tentado a fazer algo semelhante, pensando em Goiânia. E aí, surgiu a ideia do “Cidade Sombria”: contos *noir* inéditos ambientados em Goiânia e escritos por autores goianos. Só que, desde o início, a proposta era de que o livro fosse parte de um projeto maior, mais amplo. E foi assim que rolou o “Cidade Sombria” como evento literário, como concurso literário e como obra literária. A ideia era contribuir para o fomento da produção literária goiana ou goianiense e, sobretudo, discutir a cidade de Goiânia, pensar a cidade de Goiânia por meio da literatura, mas escapando um pouco, ou sem incorrer no clichê a que estamos habituados, de uma pegada “regionalista”.

Ademir Luiz: São clichês do noir ambientes sombrios e chuvosos, protagonistas vestindo pesados sobretudo, damas sofisticadas e fatais e coisas assim. Como adaptar essas marcas do gênero para o cenário ensolarado de Goiânia?

Adérito Schneider: Em um primeiro momento, Goiânia não parece mesmo ser uma cidade para o *noir*. Mas isso é só se a gente pensar nos clichês do gênero. Não dá pra usar sobretudo nem na época do “frio” da pecuária. Porém, se nos libertarmos um pouco dos clichês, Goiânia é puro *noir*. É uma cidade planejada que, como toda cidade planejada do projeto desenvolvimentista e moderno brasileiro, fracassou. Goiânia fracassa cotidianamente, diariamente. Goiânia é uma das maiores cidades brasileiras, mas, ao mesmo tempo, praticamente só está no mapa do Brasil pela música sertaneja e por ser a capital de um estado de produção agropecuária. Mas o lance é que, mesmo não tendo muitas das qualidades dos grandes centros urbanos brasileiros (basta comparar com Brasília, aqui do lado, por exemplo), não perdemos em nada nas partes sujas deste projeto de urbanização, de desenvolvimentismo. Goiânia é uma cidade extremamente violenta; com dados alarmantes de criminalidade; com muita pobreza, miséria, desigualdade social... Aqui tem poluição; o trânsito é caótico; tem crime organizado; grupos de extermínio; corrupção alastrada nas esferas públicas e privadas; tretas entre torcidas de futebol; repressão violenta contra manifestantes e militantes políticos; e muito mais. Isso sem falar de alguns temperos especiais, como esta mistura muito peculiar entre o urbano e o rural; o acidente do Césio 137 como cicatriz em nossa história e outras coisas. Entretanto, um fato interessante é que a pesquisadora Sandra Reimão considera “Parada Proibida”, de Carlos de Souza, um repórter fluminense radicado em Goiânia, como o primeiro romance *noir* brasileiro. A obra foi escrita em 1967 e publicada em 1972, pela extinta editora Oriente, aqui da cidade. E a história é ambientada em Goiânia. Portanto, desse ponto de vista, pode-se dizer que o *noir* brasileiro “nasceu” em Goiânia – o que não deixa de ser irônico. O livro está há anos esgotado e é um

tanto quanto raro, infelizmente. Não que seja uma obra literária realmente boa, mas é interessante do ponto de vista histórico, de pesquisa (ou de colecionismo).

Ademir Luiz: A lista de autores convidados é bem diversificada. Conta com escritores veteranos e consagrados, jovens autores, acadêmicos, entusiastas do noir entre outros. Essa amplitude de perspectivas foi intencional desde o começo do projeto ou foi tomando forma ao longo do desenvolvimento do trabalho de curadoria?

Adérito Schneider: Desde o começo, eu quis investir nesta pluralidade. Por isso, convidei nomes consagrados da literatura de nossa cidade, como Bariani Ortêncio, que é um autor comumente lembrado por suas obras policiais, além de Heleno Godoy, Miguel Jorge, Edival Lourenço e Valdivino Braz, mas convidei também nomes de uma nova geração de autores, como André de Leones, que hoje vive em São Paulo, e Luis Maldonalle, além de você [Ademir Luiz], né? Além disso, convidei pessoas que não são necessariamente conhecidas por escolherem a narrativa ficcional como primeira opção de suas escritas literárias, mas que ou são professores/pesquisadores de literatura e/ou que são mais lembrados pela produção em poesia, como é o caso da Fernanda Marra, da Eugênia Fraietta, do Jamesson Buarque, do Marcelo Ferraz de Paula e do Luiz Fafau. Ainda, convidei pessoas comumente lembradas pela atuação profissional em outras áreas, como o jornalismo (caso de Adele Lazarin e Pablo Kossa), o cinema (caso de Edem Ortegá, Jarleo Barbosa, Ludielma Laurentino, Márcio Jr., Márcia Deretti, Pedro Novaes e Thiago Camargo) ou até mesmo a história, como é o caso do Rafael Saddi. Finalmente, há ainda os vencedores do concurso literário: Divino Rufino, Edivaldo Ferreira, João Paulo Lopes Tito e José M. Umbelino Filho. É gente pra cacete. São 28 autores e 28 contos inéditos. O livro tem quase 400 páginas. E muitos dos autores aqui estão publicando pela primeira vez literatura (incluindo eu, que nunca havia publicado nada na vida e agora, além de organizador, sou um dos autores). A ideia foi misturar diferentes gerações, dar espaço para veteranos e iniciantes, mas trazer diferentes olhares a partir de pessoas familiarizadas com diferentes linguagens ou tipos de texto. Acho que o resultado ficou bem massa, nesse sentido. É claro que muita gente bacana ficou de fora (ou porque não quis participar ou porque não rolou mesmo, por outros fatores, incluindo vacilo meu). Por exemplo, eu só fui descobrir a Maria Valéria Rezende e sua obra depois que os nomes estavam fechados. Apesar dessas “faltas” que são naturais em toda seleção, acho que o livro “Cidade Sombria” é um retrato bem bacana da cena literária goiana ou goianiense atual. Além disso, o projeto me obrigou a conhecer melhor a produção literária local, o que foi muito bom também. Li e reli muita coisa boa desde que comecei a idealizar o projeto, de Hugo de Carvalho Ramos, Bernardo Élis, Carmo Bernardes, Ely Brasiliense e José J. Veiga até autores mais novos e menos conhecidos; pessoas de quem nunca havia ouvido falar. O André de Leones mesmo é um autor que venceu o Prêmio Sesc de Literatura em 2005, com seu romance de estreia “Hoje Está um Dia Morto”, e, desde então, vem publicando por editoras grandes (“nacionais”) e, mesmo assim, eu nunca havia ouvido falar nele. Li a obra dele completa até então (cinco romances e um livro de contos) e arrisco dizer que ele é um dos melhores autores desta atual geração.

Ademir Luiz: O livro é o resultado final de um projeto maior, que envolveu oficinas, palestras e até um concurso literário. Como foi isso?

Adérito Schneider: O projeto nasceu pensado como algo maior, que fosse além do livro, como afirmado anteriormente. O “Cidade Sombria” foi dividido em três grandes etapas. Primeiro, um evento literário que contou com palestras do escritor goiano radicado no Rio de Janeiro Flávio Carneiro, que vem se destacando como autor policial (embora tenha publicado obras de outros gêneros, como o romance “A Confissão”, que é muito bom) e do gaúcho Paulo Scott, autor de poesia, contos, romances e muito premiado em diversos prêmios nacionais (e que publicou “Voláteis”, um romance tido como *noir*). No caso desse evento, a ideia foi ajudar a suprir esta carência que Goiânia ainda tem de formação na área de literatura e de contato com autores mais inseridos no mercado editorial nacional (embora de forma bem singela, claro, pois tenho consciência de que isso é um processo muito maior, macro, que depende de políticas públicas na área da arte e da educação; de uma mentalidade social maior que envolve desde o público até os próprios escritores, o mercado editorial ou livreiro, a imprensa etc). Além disso, a partir desse evento literário, havia uma proposta de discussão do próprio *noir* como conceito para criar um mínimo de unidade estética entre os contos, pensando tanto nos autores convidados quanto num público geral que poderia se interessar pelo concurso literário. Então, em seguida, rolou o concurso literário. Recebemos dezenas de contos e selecionamos quatro deles, dando espaço para pessoas que estão fora de nossos círculos de contatos, fora destas bolhas da vida artística da cidade. E, finalmente, veio o livro “Cidade Sombria” como cereja do bolo; como produto que é o registro final deste processo todo e, ao mesmo tempo, como disse anteriormente, uma espécie de retrato da atual cena literária goiana ou goianiense.

Ademir Luiz: Um dos destaques do “Cidade Sombria” é a arte de Julio Shimamoto. Tanto na capa quanto nas ilustrações espalhadas por todo o livro. Ao mesmo tempo em que elas carregam muito do *noir* clássico, como detetives com sobretudo e damas fatais, há elementos de ambientação nacional. Como foi o processo de desenvolvê-las?

Adérito Schneider: A arte do Shimamoto está presente neste projeto graças ao Márcio Jr., que, além de autor convidado, acabou assumindo o projeto gráfico e a co-produção do projeto (em parceria com sua esposa e também autora convidada Márcia Deretti). O Shimamoto é um dos nomes mais importantes dos quadrinhos brasileiros, do mercado editorial brasileiro, das artes gráficas no Brasil. E a parceria dele com o Márcio e com a Márcia é de longa data. Eles fizeram uma animação (“O Ogro”) que é adaptação de uma HQ do Shimamoto e, além disso, o Márcio e ele estão produzindo uma HQ juntos e que também tem essa pegada *noir* (deve ser lançada em breve). Mas, em relação às ilustrações do “Cidade Sombria”, o que houve foi um trabalho do Márcio de seleção das artes, pois ele tem acesso a grande parte do acervo do Shima. Além da capa, o livro conta com outras ilustrações internas e até mesmo uma arte para cada um dos contos. Mas são ilustrações que acompanham o texto literário e não ilustrações dessas narrativas, de cenas dos contos. Nenhuma ilustração foi feita para os contos; elas já existiam independentes disso. Então, pode-se dizer que existem duas narrativas interdependentes no livro: uma literária e outra das ilustrações, que são uma narrativa à parte, mas que, naturalmente, dialogam com os contos.